

From realism to “realicism”: the metaphysics of Charles Sanders Peirce

Rosa Maria Perez-Teran Mayorga¹

MAYORGA, Rosa Maria Perez-Teran. **From realism to “realicism”: the metaphysics of Charles Sanders Peirce**. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2007.

Resenha por Pedro Taam²

Rosa Maria Perez-Teran Mayorga é doutora pela Universidade de Miami e professora da Miami Dade College. O livro aqui resenhado é resultado direto de sua tese de doutorado *On universals: The scholastic realism of John Duns Scotus and Charles Sanders Peirce*, defendida em 2002. O traço mais marcante do livro, que é a clareza de Mayorga em expor a genealogia das ideias de que trata, se mostra também no prefácio: seu trabalho, segundo ela mesma, é fortemente influenciado pelo livro de John Boler, publicado em 1963, *Charles Peirce and Scholastic Realism*. Mais do que a metafísica, parte fundamental das preocupações filosóficas de Peirce, o objeto de estudo do livro de Mayorga é a linhagem histórica na qual a metafísica peirceana se inclui. O título é uma referência à reação de Peirce ao chamado “sequestro” do termo “pragmatismo” por outros filósofos: mudar o nome de sua própria doutrina filosófica, para evitar que um problema de terminologia acabasse por resultar em confusão de conceitos, terminando por chamá-la *pragmaticismo*.

O livro de Mayorga é principalmente genealógico: durante esse percurso, consistentemente aponta quais conceitos Peirce herdou de quais filósofos. A autora vai à origem do problema dos universais em filosofia, discutindo tanto suas implicações metafísicas quanto epistemológicas, e divide sua empreitada em três capítulos. O primeiro deles, *The Problem of Universals: Back to the Past*, se inicia pela gênese do problema dos universais na filosofia, começando em Platão (427-347 a.C.), com os

¹ Rosa Maria Perez-Teran Mayorga foi Professora Assistente de Filosofia na Virginia Polytechnic and State University (VirginiaTech) e atualmente é *chairperson* do Departamento de Artes e Filosofia e professora da Miami Dade College. Tem graduação e mestrado em artes (BA e MA) pela University of Miami, onde defendeu também sua tese de doutorado em 2002, sob a orientação de Susan Haack: *On universals: The scholastic realism of John Duns Scotus and Charles Sanders Peirce*. Seus interesses acadêmicos incluem filosofia medieval e antiga, metafísica, pragmatismo (pragmaticismo), ética, teologia e história da filosofia.

² Pedro Taam é pianista, bacharel em Física pela UFRJ e mestrando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. E-mail: pedro.taam@gmail.com.

conceitos de *anamnese*, *ideias* e *mundo das ideias*. A interpretação de Aristóteles (384-322 a.C.) dos escritos de Platão dá origem ao que a autora chama de “a confusão” ou “a balbúrdia”, que as gerações posteriores tentariam resolver. Passando por Alexandre de Afrodísias (198–209 d.C), Porfírio (234-305) e Boécio (480–524), Mayorga demonstra como o conceito chamado por Aristóteles de *universal* se desdobrou em três. Com a invasão islâmica da Península Ibérica (e, portanto, a chegada de vários textos gregos que haviam se perdido na Europa) e com a filosofia de Avicena (980-1037), o conceito de *universal* tem ainda uma nova formulação, chamada pela autora de *realista moderada*: a natureza *per se* não tem unidade numérica, “não é nem uma nem várias, nem particular nem universal” (MAYORGA, 2007, p. 34). Esse conceito influencia toda a filosofia escolástica, principalmente a de Duns Scotus (João Duns Escoto, 1266-1308). No segundo capítulo, *Duns Scotus*, a posição desse filósofo é entendida como sendo semelhante à de Avicena: um *realismo moderado*, que considera que todas as coisas particulares ou individuais contêm seu respectivo universal, mas esse universal não existe completamente enquanto não é abstraído por uma mente humana, e é então que o universal se torna “numericamente um, mas aplicável a vários” (MAYORGA, 2007, p. 49). É essa posição, que dá um status ontológico ambíguo aos universais, que Peirce diz se diferenciar do nominalismo “por um fio de cabelo” (CP 8.11). No terceiro capítulo, *Charles Peirce*, depois de recapitular a história dos universais e citar passagens em que Peirce elogia o trabalho de Scotus, Mayorga expõe claramente o posicionamento do filósofo. As três categorias fenomenológicas se propõem a resolver a questão de forma elegante: a categoria da *Primeiridade* contém a *possibilidade*. A da *Secundidade* aquilo que é um *existente de fato* e, portanto, todos os *singulares* e *particulares*. A *Terceiridade* é a categoria que contém a *generalidade*, e, portanto, os *universais*. As categorias peirceanas são *posteriores* umas às outras, o que quer dizer que a secundidade *pressupõe* a primeiridade, e a terceiridade a secundidade. Uma diferença fundamental na visão peirceana em relação a seus predecessores é a de que os universais se atualizam, ou seja, a terceiridade é evolutiva. Dessa forma, Peirce (1839-1914) se mostra em sintonia com seus contemporâneos, como Darwin (1809-1882). Mayorga sumariza: “assim como o escolasticismo é o resultado da conciliação

[da filosofia] de Aristóteles com o Cristianismo, o pragmatismo é o resultado da conciliação do escolasticismo com a ciência" (MAYORGA, 2007, p. 155).

É nesse sentido que, segundo Mayorga, Peirce não pode ser considerado um "realista escolástico", mas um "realicista". Para ela, "a habilidosa combinação que Peirce faz ao sintetizar o nominalismo, o realismo e o idealismo em seu pragmatismo sinequista resulta numa doutrina completa, complexa porém totalmente coerente e original" e, portanto, faz jus a um novo nome (MAYORGA, 2007, p. 156). E conclui dizendo que o próprio Peirce, se refletisse sobre sua sugestão, provavelmente concordaria.